



casadesarmento

centro de estudos do património

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

A PENHA ENEOLÍTICA.

PINA, José Luís de

Ano: 1928 | Número: 38

Como citar este documento:

PINA, José Luís de, A Penha eneolítica. *Revista de Guimarães*, 38 (3-4) Jul.-Dez. 1928, p. 135-138.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51

4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

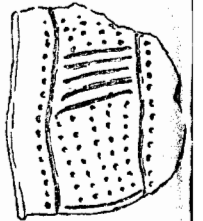
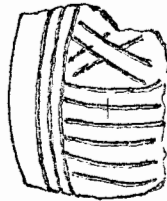
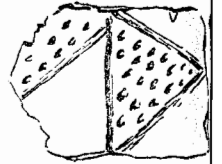
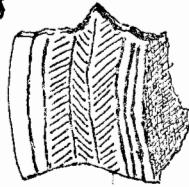
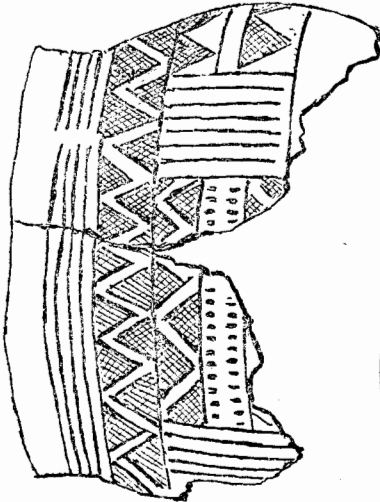
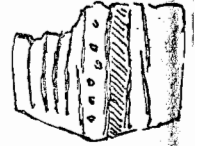
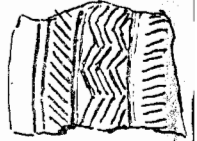
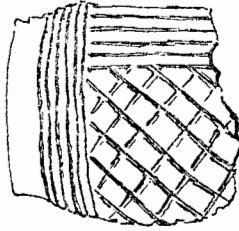
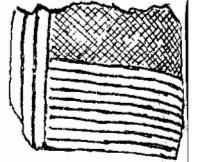
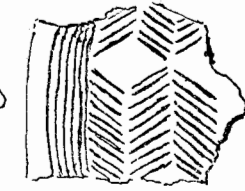
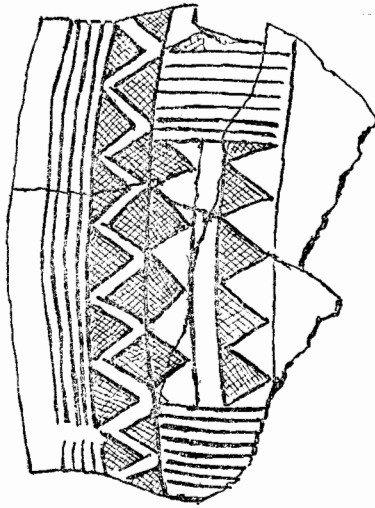
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

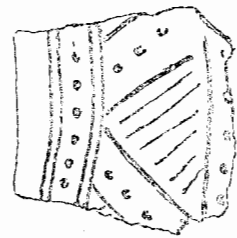
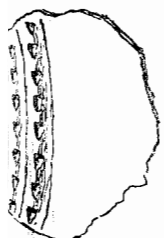
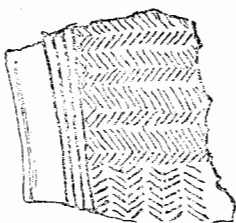
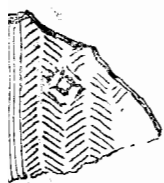
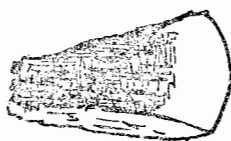
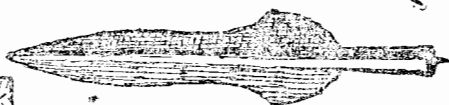
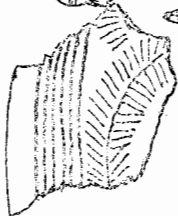
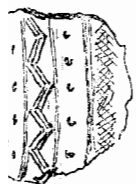
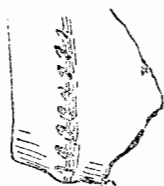
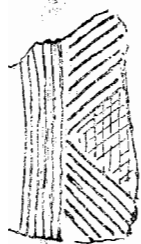
A Penha èneolítica

Procurando apresentar uma sucinta informação sôbre variados objectos encontrados entre os majestosos blocos de granito que, caprichosamente, coroam a montanha da Penha (serra de S.^{ta} Catarina), sobranceira e a Levante do velho burgo de Guimarães, numa cota, sôbre este, de quatrocentos metros, julgo absolutamente necessário divulgá-los, reproduzindo, pelo desenho, alguns dêles, por me parecerem de artifício interessante para melhor servirem os estudiosos nas fontes mais longínquas da pre-história.

As condições em que sempre me encontrei de vizinho e freqüentador dos museus da benemerita Sociedade Martins Sarmiento, despertou em mim um vivo interêsse pelos variados documentos arqueológicos, neles recolhidos, mormente depois que o saudoso Abade Oliveira Guimarães me deu a honra de me chamar para seu auxiliar nalguns arranjos levados a efeito nas colecções de bronzes e de cerâmica dos referidos museus.

Guiado, pois, na aprendizagem apenas pela convivência com tão sábio mestre, fiquei então a conhecer melhor o valor dêesses preciosos documentos que carinhosamente foram recolhidos e estudados por Martins Sarmiento. E, assim, com tôdas as deficiências de quem aprende de ouvido, encontrei-me, num dia de férias, entre um trôço de trabalhadores que, a expensas da Comissão de Melhoramentos da Penha, se ocupava numas terraplenagens, lá para as bandas do Nascente do pequeno planalto que se estende para S. do monumento aos Aviadores, proporcionando-me, nessa ocasião, a felicidade de descobrir que, por entre a terra negra revolvida, surgiam esparralhados, como a assoalharem-se, uns cacos também negros e de as-





pecto semelhante àqueles que na Sociedade já eram do meu conhecimento.

Alvorçado com esta inesperada aparição, pude recolher apressadamente alguns dêles e ordenar o maior cuidado, para que se não esborralhasse qualquer vaso que por ali estivesse ainda com a sua forma primitiva, ou qualquer outro objecto da mesma procedência.

Despertada a curiosidade e a avidez de um *arqueólogo* incipiente, procurei ver se estes fragmentos de olaria grosseira, de fabrico manual (sem vestígios de roda), quebradiços, parecendo cozidos ao sol, apresentavam ornamentos que os identificassem. Então, examinando-os, apressadamente, um por um, tive o prazer de admirar um grande número de ingénuos e graciosos labores lineares, profundamente gravados, reveladores de uma execução de há 2500 anos, repetida ainda hoje nas pinturas dos oleiros minhotos de louça vidrada.

Animado pelos resultados das pesquisas iniciadas, foram estas ampliadas até ao cimo da montanha, e, ali, para o lado da nascente da água que permanentemente brota num fio pela fisga de uma rocha, encontrámos mais alguns restos de cerâmica, mós e machados de pedra, um machado de cobre, uma formosa lança margiana, discos de pedra polida e pedacinhos de *rouge* e ocre para tatuagem, sem contar com alguns machados de bronze, surripiados pelos trabalhos iludidos de que em face do livro de S. Cipriano, estes se convertessem em barras de ouro fino, ali avaramente escondido pelas mouras encantadas na serra.

Suspensas as escavações, êste local, que até então só tinha para mim os encantos do conjunto e dos seus maravilhosos panoramas, transformou-se a meus olhos num lugar sagrado, em que as grutas e os meandros dos blocos de granito me pareciam já necrópoles dolmênicas, rodeadas por grandiosos monumentos megalíticos, que serviram aos homens que, em tempos muito e muito distantes, lá do alto da Penha estendiam o olhar incerto sôbre o vale, donde, 17 séculos depois, havia de nascer a Pátria gloriosa dos portugueses.

JOSÉ LUÍS DE PINA.